

Animal Fusion

O Rei dos Anfíbios

~Livro 2~

Erick Lins

2ª edição — 2024

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Capa

Erick Lins

Imagem da capa

Arte do autor

Projeto Gráfico e Diagramação

Clube de Autores e o autor

Preparação de Texto

Erick Lins

Revisão

Erick Lins

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lins, Erick

Animal Fusion 2 – O Rei dos Anfíbios /

Erick Lins; Animal Fusion 2 – O Rei dos Anfíbios. --

São Paulo : Clube de Autores, 2017. --

(Coleção da série Animal Fusion)

I. Ficção Infanto-Juvenil I. Título. II. Série

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Pedro Alves de Oliveira, 29 — Iati

CEP: 55345-000 — Iati — PE

E-mail: ericklinss@outlook.com

www.clubedeautores.com.br

2017

Impresso no Brasil

Renovagraf

Lins, Erick

Animal Fusion 2

1. Ficção Infanto-juvenil I. Título.

Dedico esta obra para todos aqueles
que não perderam sua
essência de
criança..

Animal Fusion

Há cinco séculos atrás cientistas de todo o mundo começaram fundir DNA humano com animal. Células-tronco eram injetadas em humanos. Vacinas espalhavam-se, pois eram aceitas pelo governo e assim legalizadas. As pessoas sendo motivadas por propagandas dos cientistas aceitaram a proposta, pois pensaram que assim ficariam imunes à muitas doenças e seriam uma raça superior, que viveria muitos anos sem tantas doenças.

No decorrer que a tecnologia avançava, a capacidade de criar seres híbridos aumentava e a vacina espalhava-se pelo mundo. Entretanto, no decorrer do tempo, os vacinados começaram virar aberrações, e os cientistas começaram escravizá-los e usá-los para fins particulares.

Após muito tempo sofrendo, os mutantes revoltaram-se e começaram matar os cientistas e boa parte dos humanos. Revoltados com a tecnologia, eles também destruíram os laboratórios e vários meios de tecnologia. Eles dividiram-se em países e continentes e deduziram que cada continente deveria ter um rei. Assim sendo, alguns reinaram e reinam até hoje em países e continentes.

Hoje, 500 anos após a Era dos Humanos, talvez não seja bem o futuro que todos imaginavam, pois a tecnologia é quase extinta e humanos vivem escondidos, fugindo, sendo perseguidos e outros até escravizados.

O mundo ainda sofre, os terráqueos ainda são divididos, desta vez não mais por cor de pele, classe social, etnia, opção sexual ou religião, mas por espécie e por ambição, pois cada um tenta roubar o reino do outro ou perseguem humanos, porque hoje, muitos anos depois da criação e revolução de mutantes, estes ainda odeiam humanos.

A guerra é constante, mas sempre aparece algum louco que tenta mudar o mundo para melhor...

~ Capítulo Um ~

Nova vida

○ pequeno príncipe brasileiro caminhou ao longo do enorme castelo, e, chegando no quarto do pai, se deparou com ele, juntamente da rainha, observando o belo pôr do sol. O céu estava em tonalidades variadas de cores quentes. Jorpião, o Escorpião Rei, observava atentamente aquele cenário, sério, enquanto sua capa esvoaçava com a brisa que o atingia.

Scorpine se aproximou lentamente, temeroso de levar uma bronca do pai.

— Oh filho, venha. Junta-se a nós – disse a rainha Bárbara.

Jorpião se virou e observou o menino, depois voltou a olhar o pôr do sol.

O menino olhou para o poente e admirou muito as longínquas montanhas, já ficando negras, devido o sol que por trás delas se escondia.

— Papai, é verdade que o senhor agora ama humanos?

— Que pergunta idiota, menino!

— Calma, querido. Tenha paciência com nosso filho – repreendeu a rainha. Depois se voltou para o pequeno. – Sim, e por isso o papai agora vai reinar um pouquinho diferente do que antes.

— Perdão, filho – disse ele, e fez um breve carinho na cabeça do menino. – Eu notei que os humanos não oferecem nenhum tipo de ameaça, tampouco estrangeiros e outras raças. Lógico que nunca deve se baixar a guarda, nunca. Mas também não precisamos de leis tão severas. Notei que não posso impor minhas mágoas e rancores na forma de governo.

O pequeno Scorpine apenas observava atentamente cada palavra do pai. Bárbara também não era diferente. Ambos admiravam o rei mais do que nunca.

— É impossível plantar pimentas hoje e no futuro degustar deliciosas maçãs. Tudo vai virando bola de neve; os problemas, as intrigas, as mágoas e tudo vai pesando com o decorrer do tempo, compreendem?

— Sim, compreendo – confirmou Bárbara. Diferente do filho, que não entendia muito ainda.

Os três observaram o crepúsculo, até que enfim chegou a noite.

Pouco a pouco humanos foram vivendo livremente no Brasil. Ocupando prédios antigos, começando construções de casas e etc.

Erick de Leão foi morar com os pais no pequeno vilarejo onde nascera. O tempo havia degastado muito as pequenas e humildes casas. Como foram abandonadas por anos, estavam muito descuidadas e aos pedaços. Mas o jovem guerreiro ajudou os pais na reforma da casinha que já foi deles antigamente, e agora estava bem agradável. Sua mãe fez uma grande e bela horta aos arredores com batata, alface, abóbora, tomate e muito mais. Ela também plantou pés de uva, maçã, caju, banana, graviola e seriguela. O vilarejo mais uma vez tinha vida.

Durante aqueles novos dias o jovem rapaz aproveitou cada segundo ao lado dos pais. Falava pouco, já que era seu jeito de ser, mas sempre fazia questão de ajudá-los nos afazeres. As vezes parava por longos minutos diante deles, apenas observando-os, contente. Quase não acreditava que aquilo era real, ter de volta os pais. Se lembrava de seus dias

de solidão sem eles, sem os amigos, sem ninguém; e por essa razão apreciava ainda mais o momento ao lado da família.

Se recordava as vezes do mestre, mas não chegava a ficar triste, pois aprendera com Lionet a não se deixar sucumbir diante dos sentimentos, dos apegos e da saudade.

Saicroide agora estava morando com o pai, em Cabo Verde. Chitônian, seu pai e Leonor com sua irmã se tornaram nobres de Jorpião. Convidados por ele, foram morar no enorme castelo. Toubé recuperou seu formigueiro e tinha agora vários companheiros formigas e não precisavam mais trabalhar e pagar impostos a Jorpião. Robert estava agora vivendo na Croácia com seu irmão Zingfriend. De fato tudo estava bem com todos.

A noite havia chegado. Erick dormia em sua velha cama, cuja madeira estava comida por cupins em algumas partes e um velho colchão adaptado com capim seco para suprir a espuma que quase não existia mais. Sobre sua cabeça tinha um buraco no telhado. Foi então que começou chover. Pouco a pouco cada pingo se intensificou e a água começou escorrer. Foi então que caiu sobre o rosto do rapaz, fazendo-o acordar assustado. Já era madrugada. Ele arrastou a cama para um outro lado do quarto, encostando sua velha dormida próxima em um pequeno guarda-roupa velho, o qual lhe pertencia desde quando era bebê.

Após um bom tempo o leão voltou a dormir. Repousou tranquilamente enquanto ouvia o som da chuva que atingia o telhado e vez outra trovões altos. Foi assim durante toda noite.

— Bom dia, filho. Está na hora de treinar.

Erick abriu os olhos com dificuldades e viu feixes de luz entrando pelas frestas na janela e no telhado. Já era dia e o pai o acordara.

— Bom dia, pai – disse Erick

— Dormiu bem?

— Um pouco.

— Mas levante-se, tome seu café e eu o esperarei no lago.

— Queria dormir mais um pouco.

— Cuide! Venha logo.

O pai saiu e fechou a porta velha do quarto. Erick se levantou lentamente, com a cara fechada devido a noite mal dormida. Estava extremamente indisposto. A cama era o único lugar que queria estar. Permanecer naquela dormida com cheiro de mofo era seu único desejo. Entretanto lembrou-se do compromisso em treinar com o pai, Leon. Se levantou, mesmo sem vontade, e foi até a cozinha, onde sua mãe preparava o café e a cumprimentou:

— Bom dia!

— Bom dia, filho.

Mal esperou ela terminar de falar, pegou duas bananas e correu em direção ao lago, onde o pai estava sentado na beirada. Diferente da noite, o dia não amanheceu chuvoso, pelo contrário; estava muito bem ensolarado. As folhas das árvores estavam com pingos d'água e os pássaros cantavam alegremente. Aquilo fazia o dia ficar maravilhoso. Logo o leão se entusiasmou ainda mais para o treino.

— Como vai ser o treino?

— Vou lhe ensinar a lutar debaixo d'água. Isso o ajudará muito.

— Ok.

— Não reparou nada em mim, filho?

— Reparei sim. Você tirou a barba. Está bem diferente.

Leon deu um sorriso e mergulhou no lago. De fato ele estava diferente. Tinha agora uma aparência jovial, semelhante ao filho, pois a barba ao longo do pescoço deixava-o com cara de mau. Ainda possuía uma grande cicatriz descendo pelo olho direito, pois cicatrizes são marcas eternas, nem o tempo é capaz de apagá-las. São como fotografias; uma recordação de um momento. Esta cicatriz em Leon era misteriosa, Erick não sabia como o pai conseguiu aquela marca. Desde que nascera já avistara o pai com aquilo.

Erick, ao ver o pai entrar no lago, tirou logo a camisa e a calça e mergulhou em seguida. Mal conseguia abrir os olhos dentro da água. Avistava tudo muito embaraçado e não conseguia usar seu olfato apurado. A única visão que começou enxergar foi de uma luz intensa e rápida vindo em sua direção. Quando percebeu que se tratava de um golpe, desviou o mais rápido que pôde.

“Já sei onde você está, pai”— pensou ele e rapidamente usou seu golpe *“raio do leão”*.

Juntou toda sua energia interna, concentrou e, após bolhas de água ferverem em sua volta, lançou o poderoso raio.

Leon desviou com muita facilidade. Aquele golpe poderia ser rápido e poderoso ao ar livre, mas ali dentro da água parecia perder a potência e velocidade.

“É hora do velho leão, contra-atacar” Leon pensou.

Numa velocidade incrível se moveu na água em direção ao filho, que nadava apenas para se manter naquela mesma altura. Então naquela velocidade assustadora atacou o jovem Erick. Este mal se mexia na água. O soco furtivo e veloz atingiu em cheio a sua barriga, e o fez abrir a boca, engolindo assim muita água.

~ Capítulo Dois ~

Novo inimigo?

Nas proximidades do castelo de Jorpião, exatamente no local da luta contra Marc o cenário não estava nada belo, pois os danos eram irreparáveis. Boa parte da fauna e flora que ali havia não existia mais. O que se avistava era um enorme deserto de pedra e areia.

Um homenzinho estranho estava andando agoniado pelo local. Ia de um lado a outro, inquieto. Parecia estar agoniado com toda aquela destruição. Era um ser de coloração amarelado, um rosto redondo com enormes pétalas de flores rosas no lugar do cabelo e da barba. Podia-se concluir que era um homem-flor.

Um homem-pássaro se aproximou do local, sobrevoando-o. Tinha aparência humana, exceto o belo par de asas azul-claro e os pés enormes de ave que possuía. Era alto e esguio. Vestia apenas uma calça desbotada; possuía pulseiras de tecidos nos pulsos e na testa tinha uma bandana branca com manchas escuras, como se fossem de sangue seco.

Ele olhava tudo em volta com um par de olhos penetrantes, como se a fúria o corroesse por dentro. Logo pousou perto do homenzinho.

— Oi, senhor Flygue! – disse o homenzinho, animando-se um pouco ao ver aquele que pousara.

— Oi, Flor. Como você está?

— Estou bem, mas triste com todo esse dano.

— Diga-me, Flor, quem causou isto?

O pequeno homem-planta caminhou até o pássaro e respondeu: